

UM POUCO DE MÚSICA

20. VIVALDI TRIUNFANTE NA ÓPERA
(Rogério C. Cerquira Leite)

O que será de Vivaldi sem o recurso da pulsação elétrica, nervosa, quase frenética, que somente sua incomparável técnica violinística é capaz de suprir ? Foi assim que reagimos todos nós aqui no Brasil quando surgiram ainda na década de 50 as primeiras gravações do **Glória** e do oratório **Judite Triunfante**. Dois preconceitos contribuíram para esta desconfiança geral. Em primeiro lugar, como lembrou Goethe, “quanto mais extensa a área de atuação, menor o aprofundamento”. E justamente Goethe. Burocrata e estadista, e biólogo, e físico, e poeta, e dramaturgo, e novelista, e por que não, filósofo. Mas um preconceito sustentado por um argumento lógico, simples e direto tem grande força persuasiva. Esta é uma era de especialistas. O homem do Renascimento está morto e enterrado. Ninguém pode falar com autoridade, por exemplo, de formigas e de música. Mas talvez este seja o grande engano de nosso século. Será possível conhecer a natureza humana sem o auxílio da física molecular, ou sem entender o comportamento da formiga, por outro lado ? Se você não conhece as razões do canto do sabiá, como pretende entender o testamento de Heilingstadt, de Beethoven ?

Afinal, não estão todas as coisas no Universo ligadas intimamente entre si ? Seria possível para Vivaldi compor o **Beatus Vir** sem ter armazenados em seus neurônios os germes das sonatas para violoncelo ? É verdade que nos impressionamos com os magníficos fracassos que foram Beethoven e Schubert como operistas, apesar de suas inextinguíveis obsessões pessoais com estes gêneros musicais. Mas, por outro lado, existe Mozart. Haveria outro operista comparável ou outro maior compositor de música instrumental ?

Vivaldi compôs cerca de 50 óperas e umas 70 cantatas profanas, além do maravilhoso **Judite Triunfante** (um oratório feminista ?) que coloco na mesma categoria que qualquer dos grandes oratórios de Haendel, que aliás foi igualmente bem sucedido em sua música instrumental. Os lamentáveis casos de Beethoven e Schubert, creio, são acidentes, a serem explicados em sua particularidade. O número de compassos incluídos na música operística de Vivaldi avalio que seja entre seis e sete vezes maior que o de sua música instrumental. Certamente não é o caso de Beethoven e nem mesmo de Schubert.

O segundo preconceito que a obra operística de Vivaldi enfrenta ainda hoje advém de seu "status" religioso. Como pode um padre, mesmo que seja ruivo, compor música tão mundana como a ópera? E, além do mais, grande parte dessas obras foi composta expressamente para apresentação durante as festividades do Carnaval. Ora, padre que se preza se ocupa é da quaresma. Esses preconceitos começam a ser ultrapassados atualmente, pois, já dispõe o público de uma relativa diversidade para a escolha de interpretações competentes das obras sacras de Vivaldi. O mesmo não pode ser dito todavia da ópera. Não há sequer edições competentes do pouco que já foi recuperado das 50 óperas, ou tanto, compostas pelo maestro veneziano. Entretanto, uma luz surge no fundo do túnel, pois, pela primeira vez encontramos no conjunto de catálogos europeus e americanos quatro óperas completas além da perene **Judite** e da indefectível versão econômica da **Fida Ninfa**, editada pela Turnabout, econômica principalmente quanto ao talento.¹ Não somente a versão atualmente encontrável da **Judite** com Vittorio Negri e o Conjunto de Solistas da Rádio de Berlim e a Orquestra e Côro de Câmara de Berlim é, sem sombra de dúvida, a melhor, mas as quatro óperas são de boa qualidade. A única outra versão de **Judite** de que disponho ainda é possivelmente encontrável em Nova York em boas lojas de discos. Foi lançada pela Sociedade Herança Musical com o "Angelicum" conduzido por Alberto Zedda e a inteligente colaboração de Orália Domingues. É uma interpretação convincente mas ultrapassada, tanto no que diz respeito ao estilo como também à execução, pela versão de Negri, que se não é a definitiva permanecerá válida por muito tempo. Igualmente bem sucedida é a sua interpretação de **Tito Manlio** basicamente com o mesmo grupo de Berlim.

Claudio Seimone gravou com a Capela Coloniensis e com I Solisti Veneti **La Senna Festegianti** e **Orlando Furioso** respectivamente. Esta última, com a colaboração de duas vozes excepcionais, Marilyn Horne e Victoria de Los Angeles. Alguns maneirismos de Seimone, entretanto, o prejudicam, embora sejam mais que bem vindas essas duas edições. Não tão bem sucedida é a execução de **L'Olimpiade** com Ferenc Szkerelz, a Ópera Estadual Húngara e o Conjunto Madrigal de Budapeste, ainda com algumas dificuldades de estilo. Desconheço a gravação feita pelo mesmo grupo de **Judite**, mas pelo que fez com **L'Olimpiade** duvido que possa competir com Negri. Todavia, há momentos de grandes lirismos na execução de Szkerelz.

A ópera de Vivaldi está para ser descoberta, mas o pouco que já existe é de boa qualidade e serve antes de tudo para manter um envolvente estado de expectativa.

(Da **Folha de São Paulo**, 3-8-1983)

(1) Há versão integral de **La Fida Ninfa**, que o articulista, certamente por lapso, deixou de indicar: direção de Raffaello Monterosso, com orq. de câmara e solistas da ópera de Milão (Vox SVBX 5210) ONM.

21. COMPOSITOR ALEMÃO QUE DESAPARECE

Mal havia redigido a nota em que registrava o falecimento dos compositores Peter Menin e Alberto Ginastera¹, eis que noticiaram os jornais o desaparecimento de outro grande compositor, dos mais significativos de nossa época: o alemão Werner Egk, que faleceu aos 82 anos, no dia 11 de julho, em sua casa, localizada perto do lago Amersee, na Baviera. A notícia acrescentava que Werner Egk foi um dos poucos compositores contemporâneos que alcançaram fama internacional. Todavia, esta “fama internacional” não chegou a torná-lo muito conhecido fora da Europa, ao contrário, por exemplo, de seu compatriota Carl Orff, falecido no ano passado. Basta dizer que o conhecido catálogo Schwann, editado nos Estados Unidos, nem registra seu nome. E eu próprio, em mais de trinta anos de formação de uma discoteca, a mais eclética possível, só consegui obter um disco com obras suas: uma **Gegenmusik** (título que significa apenas “Música para violino”) e uma **Suite Francesa**, esta, oportuna de se ouvir neste ano em que se comemora o tricentenário de Rameau, pois sobre temas deste compositor francês que Werner Egk a elaborou. Só muitos anos depois, um disco alemão me deu a conhecer as **Quatro Canzone**, sobre textos italianos, reflexo, ao que se diz, da influência que recebeu nos anos em que passou na Itália. A última delas, que relata as agruras de um soldado faminto à procura de um prato de macarrão, utiliza o ritmo da tarantela.

No entanto, a produção de Werner Egk foi vasta e variada: as óperas **O Violino Mágico**, **Peer Gynt** (sobre texto de Ibsen), **Columbus e Circe**; os bailados **Joana de Zarissa**, **Abraxas** e **Dia de Verão**; uma sonata para orquestra; as já citadas **Música para Violino** e **Suite Francesa**; uma sonata para piano; a **Tentação de Santo Antônio**, para canto e quarteto de cordas; uma cantata intitulada **Natureza, Amor e Morte**, mais conhecida por Cantata de Goettingen (pois foi nesta cidade que a escreveu); as **Variações sobre uma velha melodia vienense**, e ainda outras obras menores, para canto e piano.

Ignorando os catálogos discográficos europeus, não teria condições de indicar a posição de Werner Egk na discografia mundial. Nem sei, ainda, se suas óperas figuram nos cartazes de seu país e se alguma delas fez jus a gravações integrais. O que é pena, pois merece ser mais conhecido, quando nada para tornar correta a afirmação de sua “fama internacional”, lembrada pelo jornal que noticiou seu falecimento. ONM

*

* *

(1) Transcrita em número anterior desta publicação.